

Dr. Matthew S. Harmon, O Uso da Bíblia pela Bíblia, Sessão 1, O Valor de Estudar o Uso da Bíblia pela Bíblia e Como Começar.

Patrocinado por BiblicaleLearning.org por Ted Hildebrandt.

Aqui é o Dr. Matthew S. Harman, em uma série sobre o uso da Bíblia pela própria Bíblia. Esta é a primeira sessão: o valor de estudar o uso da Bíblia pela própria Bíblia e como começar. Bem-vindo(a) a este curso sobre o uso da Bíblia pela própria Bíblia.

Esta primeira sessão intitula-se "O valor de estudar o uso da Bíblia pela Bíblia e como começar". Eu sou o Dr. Matt Harman e serei seu guia. Para começarmos, gostaria de observar que o material destas sessões é baseado em partes deste livro que escrevi em coautoria com Gary Snicker, intitulado "Como Estudar o Uso da Bíblia pela Bíblia: Sete Escolhas Permanentes".

Portanto, se o seu interesse foi despertado pelo conteúdo destas palestras, recomendo que compre o livro e aprofunde ainda mais este assunto. Para começarmos, é sempre bom definir o que entendemos por "o uso da Bíblia pela Bíblia". Talvez você já esteja familiarizado com a ideia de os autores do Novo Testamento citarem ou fazerem alusão ao Antigo Testamento, mas usamos intencionalmente a expressão "o uso da Bíblia pela Bíblia" para também abranger os escritores do Antigo Testamento que utilizaram porções anteriores do Antigo Testamento.

Então, qual é a definição básica? A definição básica é como os autores bíblicos posteriores fazem algum tipo de uso dos escritos bíblicos anteriores. Outra maneira de pensar sobre isso é o que às vezes é chamado de exegese bíblica. E como ponto de partida, biblicamente falando, para entendermos como vemos isso, acho que uma boa passagem para refletirmos é o que Pedro escreve em 1 Pedro, capítulo 1, versículos 10 a 12.

O apóstolo escreve a respeito dessa salvação: "Os profetas que profetizaram sobre a graça que seria concedida a vocês investigaram e inquiriram cuidadosamente, procurando saber a que pessoa ou tempo o Espírito de Cristo neles se referia ao predizer os sofrimentos de Cristo e as glórias subsequentes. Foi-lhes revelado que não estavam servindo a si mesmos, mas a vocês, ao anunciarem as coisas que agora lhes foram anunciadas por meio daqueles que lhes pregam o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu, coisas que até os anjos anseiam contemplar." Assim, este texto nos indica que, à medida que os autores bíblicos posteriores foram inspirados pelo Espírito e movidos por Deus a escrever, eles investigaram e inquiriram cuidadosamente.

Eles refletiram sobre o que era, não apenas o que Deus estava revelando a eles naquele momento, mas como isso se conectava ao que Deus já havia revelado anteriormente. E, em muitos casos, isso se manifestava como Deus reiterando coisas que já havia dito e permitindo que o profeta ou o autor posterior das Escrituras se envolvesse com isso, expandindo e explicando ainda mais o que Deus queria dizer com aquelas palavras. Esse é apenas um exemplo de passagem que nos dá uma ideia dessa realidade. Então, quando

pensamos no uso que a Bíblia faz de si mesma, você pode ter se perguntado por que essa expressão é usada. Eu a chamo assim.

Novamente, trata-se de capturar a realidade de que escritores posteriores do Antigo Testamento usaram porções anteriores do Antigo Testamento. E, portanto, vemos muitos exemplos disso. Vou apontar apenas um como exemplo inicial.

Muitos de nós talvez conheçamos Isaías capítulo 6, e depois da visão da sala do trono que Isaías teve, Deus diz: "Quem irá por nós?" Isaías responde: "Eis-me aqui, envia-me a mim." E então, isto é o que o Senhor diz a Isaías: "Vai e dize a este povo: Ouçam, mas não entendam."

Continuem vendo, mas não percebam. Endureçam o coração deste povo, endureçam seus ouvidos e ceguem seus olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam e sejam curados. Assim diz Isaías 6.

E você notará, pelas palavras sublinhadas em negrito, que isso, na verdade, é uma citação de Deuteronômio, capítulo 29. Lá, no versículo dois, diz que Moisés convocou todo o Israel e lhes disse: "Vocês viram tudo o que o Senhor fez diante dos seus olhos na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra. As grandes provas que seus olhos viram, os sinais e as grandes maravilhas."

Mas até hoje, o Senhor não lhe deu um coração para compreender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir. Portanto, essa sobreposição não é acidental. Não se trata apenas de uma estranha coincidência.

Essa linguagem em Isaías retoma intencionalmente o que foi dito em Deuteronômio 29. E aqui, em Isaías 6, essa linguagem é usada e aplicada a uma nova situação. Portanto, temos um autor posterior do Antigo Testamento utilizando uma linguagem encontrada anteriormente no Antigo Testamento.

E esse é apenas um dos muitos exemplos de um autor do Antigo Testamento usando escrituras anteriores do Antigo Testamento. E há um significado interpretativo que advém da observação desses exemplos. Portanto, esse é o uso que o Antigo Testamento faz do próprio Antigo Testamento.

Mas, é claro, também existem exemplos do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. E há tantos exemplos que poderíamos analisar. Mas vejamos este aqui em Romanos, capítulo 10, versículos 6 a 8. Paulo escreve: "Mas a justiça que vem pela fé diz: Não digas no teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para trazer Cristo para baixo; ou quem descera ao abismo? Isto é, para trazer Cristo de volta dentre os mortos."

Mas o que diz? A palavra está perto de você, na sua boca e no seu coração; esta é a palavra da fé que proclamamos. E se você observar o que encontramos em Deuteronômio 30, versículos 12 a 14, verá que Paulo está claramente extraindo linguagem desse texto. Deuteronômio 30, versículo 12, começa: "Não é no céu que vocês devem dizer: 'Quem subirá ao céu por nós e nos trará a palavra, para que a ouçamos e a pratiquemos?'"

Nem está além do mar, para que digas: Quem atravessará o mar por nós e nos trará a palavra, para que a ouçamos e a cumpramos? Mas a palavra está bem perto de ti; está na tua boca e no teu coração, para que a cumpras.

O que é particularmente interessante neste exemplo é que Paulo é muito explícito ao interpretar o significado dessas frases de Deuteronômio 30 em seu argumento. Observe que ele diz, por exemplo, "quem subirá ao céu", e então faz um comentário entre parênteses, que diz: "para trazer Cristo à terra". Portanto, ele está fazendo uma interpretação.

Ele não está apenas copiando e colando; ele está interagindo com o texto, interpretando-o e refletindo sobre ele. E esse é apenas um dos muitos exemplos que poderíamos citar. Isso dá uma ideia do que é: qual é o uso que a Bíblia faz da própria Bíblia.

Agora precisamos refletir um pouco sobre por que isso é importante. Por que isso importa? Será que é apenas algo para estudiosos, sem impacto real na vida cristã cotidiana? Eu diria que é importante porque se conecta com a exegese. Em outras palavras, o uso que a Bíblia faz de si mesma se torna relevante quando buscamos determinar o significado dos textos. É difícil entender o que Paulo está dizendo em Romanos 10 sem ter alguma noção do que está sendo dito em Deuteronômio 30.

Isso nos ajuda a compreender o significado do texto. Mas também se conecta com a teologia bíblica. E esse termo é usado de diversas maneiras diferentes.

Mas o que eu quero dizer com teologia bíblica é uma compreensão da narrativa da Bíblia que vai de Gênesis a Apocalipse, traçando temas, promessas, alianças e personagens, e ajudando a enxergar a mensagem coerente da Bíblia. E uma das maneiras pelas quais Deus nos ajuda a ver como toda a Bíblia se encaixa é através da interação de autores bíblicos posteriores com textos bíblicos anteriores. Um dos grandes desafios no estudo da Bíblia é tentar descobrir como ela se encaixa.

Existem diferentes propostas sobre como organizar, por exemplo, o Antigo Testamento e o Novo Testamento, e coisas do gênero. Mas eu sugiro que o melhor ponto de partida para responder a essas perguntas é observar como os próprios autores do Novo Testamento entendiam o Antigo Testamento, com base em como o citam, como fazem alusão a ele e como interagem com ele. Isso nos dá um ponto de partida para entender como eles viam a relação entre o que Deus revelou no Antigo Testamento e o que Ele diz no Novo Testamento.

Portanto, faz parte da teologia bíblica. Creio que também se aplica à teologia sistemática. Assim, quando uso o termo teologia sistemática, refiro-me ao estudo da Bíblia que busca reunir tudo o que ela diz com base em categorias e tópicos específicos.

Então, questões como: o que a Bíblia diz sobre Deus? E assim, você tenta reunir o máximo de textos possível e sintetizá-los em um resumo. O que a Bíblia diz sobre os seres humanos? O que a Bíblia diz sobre este mundo criado? Essas são todas categorias diferentes que encontramos na teologia sistemática. E, novamente, a forma como um autor bíblico posterior dialoga com as escrituras anteriores pode nos dar uma perspectiva sobre a melhor maneira de começar a fazer essas conexões entre textos que, de outra forma, poderiam parecer díspares e separados, e tentar integrá-los em um todo coerente.

Por fim, acredito que há benefícios para a vida cristã quando se trata de estudar e compreender o uso da Bíblia. Em um nível fundamental, talvez, a maneira como entendemos a leitura da Bíblia moldará nossa vivência cristã. Para dar um exemplo prático, todos nós, provavelmente, temos alguma noção da diferença entre o que lemos, digamos, em Levítico e o que lemos, digamos, em 1 Pedro.

Então, estamos lendo Levítico e vemos todas essas leis e regulamentos, e esperamos que, em algum nível, percebamos que não devemos aplicar esses versículos exatamente da maneira como os israelitas os aplicavam. Então, quando eu disse que não devo oferecer aquele tipo específico de sacrifício, por quê? Por que não? Quero dizer, é a palavra de Deus.

E como cristãos, queremos levar a palavra de Deus a sério. Por isso, queremos ter certeza de que entendemos: por que, ao lermos Levítico, não dizemos: "Bem, acho que preciso sair e oferecer este sacrifício específico?". O uso da Bíblia pode nos ajudar a entender o porquê de algumas dessas coisas que não fazemos. E, no entanto, quais são as continuidades? Por exemplo, sabemos que não devemos oferecer esses mesmos sacrifícios.

No entanto, 1 Pedro cita Levítico 11, que diz que o povo de Deus deve ser santo porque Deus é santo. Portanto, isso é algo que claramente não mudou entre Levítico e 1 Pedro. E mesmo esse exemplo nos ajuda a ver como o Novo Testamento nos ajuda a entender como devemos viver como cristãos.

E está citando Levítico. Então, essas são apenas algumas das maneiras pelas quais isso pode nos ser útil. Quais são alguns dos desafios? Bem, um dos primeiros desafios está na área do que consideramos hermenêutica.

A hermenêutica é a arte e a ciência da interpretação. Como nos aproximamos de um texto? Um elemento muito importante da hermenêutica é a área das suposições ou pressuposições, que todos temos como ponto de partida ao começar a ler a Bíblia. E creio que reconhecemos isso intuitivamente.

Você provavelmente já teve a experiência de ler uma passagem das Escrituras e chegar a uma conclusão sobre o que ela significa. E então, talvez ao ler um comentário ou outro recurso, você percebe que a pessoa interpretou a mesma passagem e pensa: "Será que ela realmente leu a mesma passagem?". Porque ela está enxergando um significado completamente diferente do seu. E, muitas vezes, essa diferença está enraizada em pontos de partida, pressuposições ou suposições.

Para dar um exemplo, obviamente existem muitas histórias de milagres nos Evangelhos. Jesus realiza todo tipo de milagre. Mas se você abordar a Bíblia partindo do pressuposto de que o sobrenatural não existe, que Deus não existe e o sobrenatural não existe, você dará uma explicação diferente para o que está acontecendo naquela passagem, em comparação com alguém que diz: "Bem, eu acredito que Deus existe e acredito que o reino sobrenatural é real".

Assim, essas diferentes suposições e pontos de partida moldarão a maneira como lemos e interpretamos o texto. Portanto, quando as pessoas se aproximam da Bíblia com diferentes

pontos de partida, esse pode ser um dos desafios no estudo do uso da Bíblia. Segundo, introdução ao Antigo e ao Novo Testamento.

O que quero dizer com isso é entender quais livros da Bíblia foram escritos antes de outros. Ora, em certo sentido, se você estiver estudando apenas como os autores do Novo Testamento usam o Antigo Testamento, isso não é realmente um problema. A situação se complica quando se trabalha com o Antigo Testamento, com os profetas, por exemplo.

E às vezes pode não ser claro quando um profeta estava escrevendo. Talvez um dos exemplos mais claros disso seja o livro de Joel. Os estudiosos chegarão a conclusões muito diferentes; alguns dirão: "Ah, isso foi escrito antes do exílio de Israel, muito cedo".

E há quem diga: "Ah, não, não, não. Isto foi escrito depois do retorno dos exilados da Babilônia, ou quando viviam na região e em outros lugares intermediários." E isso pode dificultar o conhecimento prévio.

Certo, então, se tivermos um versículo em Joel que pareça estar relacionado a outro profeta do Antigo Testamento, pode ser difícil saber se Joel está usando Isaías como exemplo, ou se Isaías está usando Joel como exemplo, ou qualquer que seja o caso. Esses fatores também entram em jogo, especialmente quando falamos do uso do Antigo Testamento no Antigo Testamento. Mas, muitas vezes, não é tão difícil assim.

Por exemplo, quando Isaías usa linguagem encontrada em Deuteronômio, é bem direto. Embora, novamente, é aqui que os debates críticos sobre a erudição podem entrar em cena, certo? Os estudiosos críticos podem dizer: "Bem, eu sei que Deuteronômio se apresenta como tendo sido escrito por Moisés, mas na verdade acreditamos que foi escrito no século VI ou algo assim". E isso também torna a questão complexa.

Outro desafio é a compreensão dos contextos do antigo Oriente Próximo e do judaísmo do Segundo Templo. O que é fascinante no Antigo Testamento é que, por exemplo, ao lermos Provérbios, encontramos afirmações proverbiais semelhantes em outros textos de sabedoria do antigo Oriente Próximo. E isso levanta a questão.

Então, será que o autor de Provérbios se inspirou nesses textos? Será que ele apenas tinha um conhecimento geral dos princípios da sabedoria? Como podemos refletir sobre essas questões? Como podemos lidar com isso? Quando se trata do Novo Testamento e seu uso do Antigo Testamento, a questão geralmente é um pouco diferente. Nesse caso, a pergunta é: os autores do Novo Testamento estavam cientes de como outros escritores judeus já haviam se relacionado com os mesmos textos do Antigo Testamento que eles estavam interpretando? E, como resultado, qual era o grau de conhecimento deles? E, se estavam cientes, eles se inspiraram nesses escritores judeus mais diretamente do que diretamente no Antigo Testamento? Ou eles simplesmente viviam no mesmo tipo de contexto em que tinham conhecimento geral das tradições interpretativas associadas a um texto do Antigo Testamento, mas não especificamente de como, digamos, Filo poderia estar interpretando esse texto? Esses são alguns dos desafios que também entram em jogo aqui. Outro desafio são as línguas originais, o hebraico e o grego, e devemos incluir também o aramaico, porque algumas pequenas porções do Antigo Testamento foram escritas em aramaico.

E você pode pensar: "Bem, por que isso é um problema?". Bem, no sentido mais básico, se você está estudando como os autores do Novo Testamento interagiram com o Antigo Testamento, já se depara com uma questão linguística. Há um problema de idioma porque o Novo Testamento foi escrito em grego e o Antigo Testamento, em hebraico, com algumas pequenas porções em aramaico. Então, como podemos conciliar tudo isso? Bem, uma complicação reside no fato de que, na época do Novo Testamento, a totalidade do Antigo Testamento já havia sido traduzida para o grego em vários momentos. Assim, quando os autores do Novo Testamento utilizavam o Antigo Testamento, frequentemente usavam essas traduções gregas dos livros hebraicos do Antigo Testamento.

Mas isso levanta a questão: quão fiéis essas traduções gregas são ao texto hebraico do Antigo Testamento? Quanto mais se aprofunda no estudo desse assunto, mais se descobre que há uma certa variação. Alguns livros do Antigo Testamento, quando traduzidos do hebraico para o grego, foram traduzidos com muito cuidado — talvez não seja a palavra certa aqui —, mas com a intenção de se manter o mais próximo possível da redação original em hebraico. Quase como uma tradução contemporânea que tenta reproduzir palavra por palavra, de forma mecânica, para reproduzir fielmente o que o livro do Antigo Testamento diz.

Então, você tem algumas partes da Septuaginta que são traduzidas quase como a Bíblia Sagrada na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), conhecida por ser muito literal e, às vezes, um pouco difícil de ler em inglês, porque se prende muito à ideia de que uma palavra no idioma original precisa corresponder exatamente a uma palavra em inglês. Existem alguns livros assim. E existem outros livros que são traduções mais dinâmicas, que se assemelham mais a traduções contemporâneas, como a Nova Tradução Viva (NTV), que busca captar o significado das frases e cláusulas sem se apegar servilmente à redação precisa do idioma original.

Seria como ter um Antigo Testamento em inglês moderno, onde alguns livros seriam da Nova Versão Padrão Americana (NASB), outros da Versão Padrão Inglesa (ESV) e outros ainda da Nova Tradução Viva (NTV). A qualidade da tradução poderia variar bastante. E, como se isso não bastasse, sempre existe a questão da crítica textual, que busca reconstruir a redação original do manuscrito hebraico, da Septuaginta ou mesmo do grego do Novo Testamento. Isso porque há exemplos em que um escriba reconhece que um autor, Lucas ou outro, parece estar citando ou fazendo alusão a um texto do Antigo Testamento, mas omite uma pequena frase ou palavra.

Vou ajudá-lo, organizar isso e inserir aquela palavra para que fique mais de acordo com o que diz o texto do Antigo Testamento. Então, todas essas coisas entram em jogo quando você se aprofunda no estudo de como a Bíblia usa a Bíblia. E meu receio ao dizer tudo isso é que eu tenha te assustado.

Ao ouvir tudo isso, você pensa: "Meu Deus, como vou conseguir entender isso?". Quero enfatizar que existem diferentes níveis de compreensão. Claro, existe o estudo acadêmico aprofundado e detalhado dessas passagens, o que é bom e necessário. Mas esse não é um tipo de estudo que o leitor comum da Bíblia precise necessariamente fazer.

E boas notícias: existem recursos disponíveis que podem ajudá-lo a acessar, pelo menos em certa medida, o que os estudiosos descobriram ao se aprofundarem nesses estudos com o idioma original. Mas, em um nível básico, espero convencê-lo de que isso é possível, mesmo que de forma simples, se você só puder ler a Bíblia em inglês. Voltarei a esse assunto ao final desta sessão.

Isso serve para preparar o terreno um pouco. Quero agora abordar o que discutimos no livro. Mencionei anteriormente como estudar a Bíblia é usado para a Bíblia.

O subtítulo é Sete Escolhas Hermenêuticas para o Antigo e o Novo Testamento. Estamos tentando explicar como essas diferentes questões hermenêuticas, questões interpretativas, influenciam nossa compreensão de como a Bíblia usa a própria Bíblia. Para deixar claro, este livro é voltado para um nível de estudo mais próximo ao de um livro didático de seminário.

Acredito que outros podem ler este livro e que isso pode trazer benefícios e proveito. Mas esteja ciente de que há um grande envolvimento com os idiomas originais, embora também tentemos ajudá-lo a entender o que está acontecendo no texto em inglês. Portanto, este livro está estruturado em torno dessas sete escolhas hermenêuticas.

E eu não vou abordar todas essas opções neste curso, mas quero mostrar a vocês quais são essas sete escolhas hermenêuticas e dar uma breve explicação. Nas próximas aulas, vou explorar algumas delas com mais detalhes para que vocês tenham uma ideia. A primeira é o que chamamos de isolado versus conectado.

O que vocês verão na formulação dessas opções é que as enquadramos como "isto versus aquilo". E, às vezes, ao longo do capítulo, concluiremos que uma delas é preferível à outra. E esta é uma dessas opções.

Explicarei o que quero dizer com isso daqui a pouco, mas optamos pela abordagem conectada. Outras opções seriam "isto versus aquilo", e diremos que, na verdade, é uma questão de "ambos", não de "um ou outro". Mas esta é uma questão de "um ou outro", isolado versus conectado.

O que queremos dizer com isso é que, no estudo acadêmico de como a Bíblia usa a Bíblia, tem havido uma tendência de haver um grupo que estuda como o Antigo Testamento usa o Antigo Testamento, e eles fazem seu próprio trabalho, têm suas próprias discussões e desenvolvem sua própria pesquisa. E então, do outro lado, temos estudiosos que estudam o uso do Antigo Testamento pelo Novo Testamento, e eles fazem seu próprio trabalho, desenvolvem sua própria pesquisa e raramente dialogam entre si. Eles simplesmente seguem seus próprios caminhos e, muitas vezes, chegam a conclusões diferentes, dizendo: "Bem, os autores do Antigo Testamento fazem estas coisas, mas os autores do Novo Testamento fazem coisas muito diferentes".

Nosso argumento é que, na verdade, esses aspectos devem ser estudados em conjunto, como parte de um mesmo fenômeno mais amplo. É por isso que usamos a expressão "o uso que a Bíblia faz da Bíblia", para tentar capturar essa ideia. E é isso que queremos dizer com "conectados".

Além disso, argumentamos que o que os autores do Novo Testamento fazem com o Antigo Testamento é, na verdade, seguir os passos do que os autores do Antigo Testamento já faziam com textos anteriores do Antigo Testamento. Portanto, quando chegamos ao Novo Testamento, eles não estão fazendo algo radicalmente novo. Estão fazendo muitas das mesmas coisas que esses autores do Antigo Testamento já faziam com as escrituras anteriores.

E quando você os entende em conjunto, isso ajuda a perceber uma abordagem hermenêutica consistente e abrangente que permite enxergar melhor a unidade das Escrituras. Portanto, essa é a primeira escolha: isolado versus conectado. A segunda é: ajustar o significado e/ou o contexto versus promover a revelação.

Agora, este é um pouco mais complicado. Você pode estar pensando: "Eu achei o primeiro complicado. Este é ainda mais", mas tente acompanhar comigo.

A ideia aqui é que, quando nos deparamos com um autor bíblico posterior — e talvez você já tenha tido essa experiência —, você está lendo o Novo Testamento e vê: "Ah, o autor está citando esta passagem do Antigo Testamento". E então você volta e pensa: "Vou procurar essa passagem do Antigo Testamento". E você a procura e pensa: "Esse não parece ser o significado mais óbvio dessa passagem no Antigo Testamento".

E, no entanto, parece ser isso que Paulo, Mateus, Lucas ou Pedro estão dizendo que significa. Portanto, este capítulo se dedica a tentar compreender esse fenômeno. O que está acontecendo? Será que os autores bíblicos posteriores ajustam ou alteram o significado do texto? Ou ajustam o contexto? Ou será que Deus está agindo por meio do autor bíblico posterior, ao se envolver na exegese das escrituras anteriores, para dizer mais do que poderia ter sido compreensível para o autor humano original, e que, no entanto, está legitimamente presente na passagem original? Essa é a essência da questão.

Essa é uma das questões mais complexas em toda essa área do uso da Bíblia. Qual é a relação entre o significado pretendido pelo autor humano, digamos, na passagem do Antigo Testamento, e o significado que o autor do Novo Testamento atribuiu posteriormente, dizendo, essencialmente, que essa passagem do Antigo Testamento significa isso? Será que o autor humano daquela passagem do Antigo Testamento reconhecia esse significado? E como entra em jogo a autoria divina? Qual é a intenção divina e autoral divina nessa passagem? Tudo isso está envolvido neste capítulo em particular.

Número três: detectar ilusões como arte versus ciência. Quando se trata de identificar a presença de uma ilusão em um texto, algumas abordagens são quase científicas, com critérios muito detalhados. É preciso haver um certo número de palavras em comum entre o Antigo e o Novo Testamento, ou algo semelhante.

E se você não atingir esse determinado limite, simplesmente descarta a ideia como se não valesse nada. Outras abordagens são quase como associação livre, algo como "isso me lembra de..." e então você completa a lacuna. Neste capítulo, em vez de optar por uma escolha entre uma coisa ou outra, tentamos propor uma combinação de ambas.

Sim, existem princípios sólidos que podemos seguir, mas, de certa forma, ter a sensibilidade e a inclinação certas, adquiridas por meio da imersão nas Escrituras, pode nos ajudar a

enxergar conexões entre os textos. Esse é o tema do terceiro capítulo: detectar ilusões como arte versus ciência. Quarto: contexto horizontal versus contexto vertical.

Falaremos mais sobre isso na nossa próxima sessão. Portanto, não entrarei em muitos detalhes aqui, além de dizer que ambos os tipos de contexto são importantes. O contexto horizontal engloba as frases, parágrafos e capítulos circundantes, tanto no texto original quanto no texto posterior.

O contexto vertical se refere à ideia de como, quando um autor bíblico usa um texto anterior, ocorre um acúmulo de significado, e é preciso prestar atenção a isso. Explicarei mais sobre isso na nossa próxima sessão. Quinto, relações bíblicas versus extrabíblicas.

Já mencionamos isso um pouco antes, mas qual o papel que damos aos paralelos ou ao uso das escrituras em livros ou escritos que estão fora das próprias escrituras? Novamente, estamos falando do antigo Oriente Próximo. São textos judaicos do Segundo Templo. Como incorporamos isso ao processo aqui? Sexto, padrões tipológicos retrospectivos versus prospectivos.

Faremos uma sessão inteira sobre isso. Então, tudo o que vou mencionar aqui é que se trata de um conceito que abrange ambos os tipos de tipologia nas próprias Escrituras. E darei uma definição de tipologia nessa sessão.

Por fim, a sétima opção. Exegese histórica versus exegese histórica e prosopológica . Talvez você nunca tenha ouvido falar desse termo: exegese prosopológica .

É uma forma de se referir a quando um autor bíblico posterior pega algo que foi dito por um autor bíblico anterior, mas atribui a um orador diferente. Não é tão complexo quanto possa parecer. Basicamente, a principal forma como isso funciona é, por exemplo, como em Hebreus, onde algo dito em um salmo pelo rei é interpretado como Deus falando ao seu povo em Hebreus, por exemplo.

Então, o termo prosopológico , prosopos , vem do grego e significa " rosto". A ideia é que o rosto de um falante diferente esteja por trás disso.

Então, foi isso que discutimos no capítulo sete. Isso dá uma visão geral do escopo mais amplo do livro. Gostaria de finalizar esta sessão apresentando algumas definições breves para nos ajudar a nos situar.

A primeira é a alusão. Uma das dificuldades em toda essa área de estudo é que os acadêmicos usam esses termos de maneiras diferentes. Portanto, quando falamos de alusão, estamos tentando fazer dela a categoria mais ampla possível.

Assim, da forma como usamos o termo, ele inclui tanto citações, quando há uma citação clara e escrita, quanto citações palavra por palavra de um texto anterior. Inclui até mesmo as referências mais sutis, em que pode haver apenas uma ou duas palavras que remetem o leitor a um texto anterior. Um dos pontos importantes aqui é que estamos argumentando que as alusões são intencionais por parte do autor.

O autor pretende chamar sua atenção para essa conexão. Talvez isso lhe seja útil. Apresentei isso como um espectro de influência.

E você verá que à direita, na verdade começando aqui à esquerda, no lado esquerdo da tela, você verá a citação. Isso é claro; é óbvio; é uma citação. Frequentemente introduzida com o que chamamos de fórmula introdutória, como "está escrito" ou "como disse Isaías" ou algo parecido.

Claro, muitas palavras de vocabulário sobrepostas, etc. Agora, ao lado disso, temos o termo alusão, no sentido de que não há necessariamente uma citação direta, mas várias palavras emprestadas de um texto do Antigo Testamento, onde claramente o autor está tentando chamar a sua atenção para isso. E você notará que a linha fica progressivamente mais clara à medida que nos movemos para a direita.

E chegamos ao que alguns estudiosos chamam de ecos, ou seja, a mais tênue sobreposição de vocabulário, que pode ser até mesmo uma única palavra ou algo muito sutil e, para ser honesto, discutível. Nesses casos, pessoas de boa fé podem discutir e dizer: "Não acho que haja realmente uma referência àquela passagem do Antigo Testamento". E outros podem dizer: "Não, na verdade, acho que há, com base nisso".

E aqui à direita, você encontra semelhanças temáticas. Isso pode ser entendido como algo que não compartilha explicitamente a mesma linguagem entre o texto do Antigo Testamento e, digamos, um texto posterior do Antigo Testamento, mas aborda temas semelhantes de maneira similar. Portanto, o autor bíblico ainda pode ter pretendido que você pensasse naquela passagem anterior do Antigo Testamento, mesmo que não esteja usando exatamente o mesmo vocabulário.

Eis, portanto, o espectro que nos dá uma ideia da variedade de maneiras pelas quais os autores bíblicos podem usar o Antigo Testamento. Mais algumas definições aqui. Nosso foco está no que chamamos de alusões exegéticas, ou seja, existe um texto doador, um texto receptor e um resultado exegético.

Então, o que queremos dizer com isso? O texto doador é o texto citado, o texto original. Retomando um dos exemplos anteriores, em que vimos que Isaías 6 se baseia em Deuteronômio 29, Deuteronômio 29 é o texto doador, aquele que fornece as palavras e ideias originais. Portanto, o texto receptor é o texto que cita ou se inspira nesse texto anterior.

Assim, Isaías 6 é o texto receptor, recebendo a redação e as ideias de Deuteronômio 29. E então, um resultado exegético. O que queremos dizer com isso? Trata-se da interpretação do texto original dentro do texto receptor, ou seja, o texto posterior está fazendo algo com essa passagem.

Não se trata propriamente de tomar emprestado as palavras para obter um efeito literário. Há aqui uma abordagem interpretativa em que o texto posterior interpreta ou dialoga com o texto original. Esse é, de fato, o foco do nosso trabalho neste livro.

Para concluir, por onde começar? Em primeiro lugar, eu diria que é preciso ficar atento. É muito mais comum do que se imagina encontrar essas alusões a textos anteriores.

Portanto, só o fato de estar ciente disso já costuma ser um ponto de partida significativo. O segundo ponto, e quero enfatizar isso para aqueles que não conhecem os idiomas originais, é prestar atenção às referências cruzadas. Quero dizer, elas são um grande presente em muitas de nossas Bíblias em inglês.

Então, se você estiver lendo e vir uma frase que lhe pareça familiar, use as referências cruzadas para encontrá-la. Às vezes, essa referência cruzada será apenas um paralelo conceitual, como, por exemplo, "esta passagem fala sobre dar e esta outra passagem também fala sobre dar". Isso não é exatamente uma alusão.

São apenas dois textos que abordam um conceito semelhante. Mas outras vezes você descobre algo como: "Ah, interessante. Parece que este último autor está se referindo a isso e talvez esteja fazendo alusão a isso."

E um recurso que eu recomendo para isso é esta ferramenta que foi lançada. Chama-se Connecting Scripture New Testament (Conectando as Escrituras do Novo Testamento). Então, Connecting Scripture New Testament...

É baseado na tradução da Bíblia Padrão Cristã. E o que torna este recurso único é que, no próprio texto, as alusões ao Antigo Testamento são codificadas em verde e as citações são apresentadas em azul no corpo do texto. Assim, ao ler, você é alertado para a presença de uma alusão a um texto do Antigo Testamento.

E aqui na seção de referências cruzadas, você encontra uma indicação de onde veio aquela passagem. Então, se estiver em verde no corpo do texto, a referência bíblica aqui na lateral também estará em verde. Ou, se estiver em azul no texto, estará em azul na lateral.

Outra característica deste livro, na parte inferior, são as notas de estudo que explicam o significado daquela alusão específica. Em um parágrafo, por exemplo, explicam por que é significativo que este autor bíblico esteja se referindo a esta passagem do Antigo Testamento. Por fim, este livro também possui dois índices diferentes.

Possui um índice do Novo Testamento onde você pode procurar qualquer passagem do Novo Testamento e ver as supostas alusões ao Antigo Testamento listadas ali, o que é extremamente útil. Mas acho que o recurso ainda melhor, que está no final, é o índice do Antigo Testamento. É isso que torna este livro tão útil.

Então, se você estiver lendo uma passagem do Antigo Testamento, como este documento contém apenas o Novo Testamento, eles estão trabalhando com a versão do Antigo Testamento. Mas se você estiver lendo Gênesis 44 ou algo assim, você pode ir aqui e perguntar: "Ok, existem alusões a Gênesis 44 no Novo Testamento?" E então você verifica e vê: "Sim, existem aqui mesmo." E então você pode consultar a passagem do Novo Testamento e ver como o autor do Novo Testamento dialoga com aquele versículo ou capítulo específico.

Portanto, este recurso é um ponto de partida fenomenal para ajudá-lo a começar a fazer algumas dessas conexões. Mais duas coisas para concluir. Como começamos? Aprenda a ler com atenção.

Acho que às vezes lemos uma passagem bíblica tão rapidamente que não paramos para observar as nuances da linguagem, as imagens, os símbolos ou o próprio texto, e perdemos a intenção do autor ao escolher as palavras para chamar nossa atenção e nos fazer pensar: "Ei, espere um minuto, vá com calma". Isso nos remete ao texto anterior. Ao mesmo tempo, podemos cometer o erro oposto: se aprendermos a ler de forma abrangente, não conseguiremos enxergar as conexões do todo, pois nos perdemos nos detalhes de cada palavra, cláusula e frase, e deixamos de perceber o fluxo geral e as conexões mais amplas que as Escrituras nos oferecem.

Isso já é suficiente para começarmos. Na nossa próxima sessão, vamos analisar a importância de estudar tanto o contexto horizontal quanto o vertical. E tenho certeza de que, ao compreender esses conceitos, você começará a perceber algumas conexões nas Escrituras que provavelmente nunca notou antes.

Aqui é o Dr. Matthew S. Harmon, em uma série sobre o uso da Bíblia. Esta é a sessão 1: O Valor de Estudar a Bíblia e Como Começar.